PRODUÇÃO CIENTÍFICA

5ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: RECONCILIAR O PÚBLICO COM A SUA CIÊNCIA

Wallace Franco da Silva Fauth

Às vésperas da 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (5ª CNCTI), que ocorrerá em Brasília, nos dias 4, 5 e 6 de junho, importa refletir sobre os desafios que se impõem a respeito do fazer científico e a respectiva percepção pública da ciência em um cenário pós-pandemia, em que a ciência se viu politizada e consequentemente descredibilizada.

Segundo os Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo, publicado pela Fapesp em 2010, há pouco conhecimento sobre Ciência e Tecnologia, mesmo entre aqueles que consomem informação científica. Em 2019, a pesquisa “Percepção Pública da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil” (CGEE, 2023, p. 14) constatou que os brasileiros se interessavam por ciência, mas poucos conseguiam mencionar nomes de cientistas brasileiros: 6,6% dos pesquisados. Em 2023, houve um aumento de 3%. Após a pandemia, esperava-se um crescimento maior.

Em artigo publicado na *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde* (2022), intitulado “Percepção pública da ciência em tempos de pandemia”, Vanessa Brasil de Carvalho, da Fundação Oswaldo Cruz, destaca o crescente interesse da população em relação à ciência, porém alerta para a complexidade do quadro proporcionado pela chamada “pós-verdade” e pelas *fake news*.

Em pesquisas anteriores, as pessoas declararam consumir assuntos de ciência por meio de jornais, revistas e TV. Durante a pandemia, o público afastou-se da “grande mídia”, por desconfiar de intenções políticas do noticiário. Uma desconfiança reforçada por autoridades governamentais que criticavam sistematicamente o trabalho dos jornalistas. Há poucos indicadores da percepção pública da ciência após a pandemia, mas os baixos índices de vacinação mostram essa queda de confiança.

Devido à gravidade dos problemas causados pelo novo cenário pós-pandemia, espera-se que a 5ª CNCTI olhe com mais cuidado tanto para o papel das universidades na promoção da ciência, quanto para a parceria com setores empresariais. O histórico das conferências anteriores é esperançoso.

O *Livro Branco da CT&I*, de 2001, preocupa-se com a dependência da tecnologia estrangeira para “expandir fronteiras agropecuárias, explorar recursos naturais e instalar setores industriais”. Destaca-se o uso do assustador verbo “explorar”. A publicação destaca a importância de uma melhor interação entre a academia e a indústria, além de incentivar a criação de empresas.

A 4ª CNCTI, publicada no Livro Azul, em 2010, demonstra uma preocupação com a sustentabilidade e com a redução das desigualdades sociais. Enfatiza a educação como fundamento da inovação, motor do desenvolvimento. Apesar desse foco social e educacional, volta-se para um modelo empresarial de gestão de negócios. As pro-

postas de produção de alimentos e de madeira na Amazônia preocupam porque nada esclarecem quanto ao desenvolvimento sustentável. O medo é de que a aproximação com as universidades possa servir para endossar a exploração dessas áreas.

Justamente nessa década da publicação do *Livro Azul*, inicia-se um aumento na competitividade em relação ao desenvolvimento da CT&I e a disseminação de aparelhos celulares e de redes sociais, como o Instagram (2010). O Ranking Universitário da Folha (RUF) iniciou em 2012. Empresas de educação com fins lucrativos cresceram. A Kroton, por exemplo, realizou a maior compra de instituições de nível superior entre 2010 e 2014. Hoje, para obter um bom posicionamento no *ranking* universitário, é necessário obter grande número de publicações. Isso é sinônimo de desenvolvimento científico.

É justamente esse desenvolvimento científico que a filósofa belga Isabelle Stengers vai chamar de “ciência rápida” em seu livro *Uma outra ciência é possível*. Essa ciência rápida não nasce agora. A autora nos conta que o químico alemão Justus Von Liebig (1803-1873), ao observar que se levava uma vida para adquirir conhecimento suficiente, passou a treinar pessoas em seus laboratórios de modo intensivo, com protocolos padronizados. Em quatro anos, um estudante obtinha o diploma de doutorado. Dividiam-se, assim, os cientistas entre os *treinados* e os *criativos*. Estes últimos seriam aqueles que não deveriam se preocupar com as consequências de seu trabalho, ou seja, eram os “verdadeiros” cientistas, trancafiados em suas “torres de marfim”.

Para Stengers, os cientistas aprenderam que algumas perguntas têm caráter científico, enquanto outras são consideradas “não científicas”, como as que lidam com problemas culturais, sociais e econômicos. Em um mundo em crescente industrialização, era preciso resistir a preocupações com questões que representassem obstáculos ao progresso. Stengers traz a ideia de “ciência rápida” sob o ponto de vista de “não perder tempo”, ou seja, de não se desviar do desenvolvimento.

A autora faz uma interessante comparação: um exército que precisa avançar o mais rápido possível não pode se ocupar com a paisagem que o cerca. A proposta de uma ciência lenta teria a ver, portanto, com o olhar para a paisagem.

Isabelle Stengers se questiona a respeito do que dizer às crianças nascidas neste século ao perguntarem: “você sabiam tudo o que precisavam saber; o que fizeram?”. Em recente entrevista à *Folha de S. Paulo*, a filósofa revela sua preocupação: “os cientistas são mensurados não pela sua carreira ou impacto, mas sim pela quantidade de artigos publicados”. Para ela, precisamos “[...] admitir que estamos sendo coagidos a renunciar boa parte de nossa liberdade de produzir dissenso” (Botallo, 2024).

O que Stengers está nomeando de “ciência lenta” é um chamado a aceitar que “é preciso pensar, sentir, imaginar” em conjunto, sem esperar que algum cientista de sua torre de marfim traga uma solução mágica e racional para nossos problemas catastróficos causados justamente pelas mais avançadas inovações tecnológicas usadas nas minerações e nas monoculturas.

A convocação para uma ciência lenta está ligada a uma retomada da pesquisa científica que contemple a paisagem. Stengers alerta para o fato de que não se pretende evitar a especialização, mas a questão é perceber a falta de equilíbrio em que nos metemos. Essa nova atitude requer um aprendizado mútuo com a participação de todos os saberes em conexões múltiplas. A “ciência lenta” de Stengers é um apelo a resistir a um pretensioso saber universal de uma ciência com “c” maiúsculo a partir de um engajamento de agentes com seus saberes que a filósofa estadunidense Donna Haraway vai chamar de *saberes localizados*.

Na 5ª CNCTI, espera-se a abertura da pauta para uma discussão sobre a ideia de uma ciência lenta a partir da conexão, sem inocên-

cia, entre esses saberes localizados. Na continuidade da conferência de 2010, é preciso destacar que o raciocínio científico é um direito de todos. Esse seria mais um argumento para, pensando com Stengers, justificar a palavra de ordem de algumas autoridades públicas em relação à desconfiança das pessoas sobre o trabalho dos cientistas: “é preciso reconciliar o público com a sua ciência”.

REFERÊNCIAS

BOTALLO, Ana. Filósofa Isabelle Stengers quer desacelerar ciência. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/01/filosofa-questiona-productivismo-cientifico-e-defende-desacelerar-ciencia.shtml>. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Livro branco: ciência, tecnologia e inovação**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.

CARVALHO, Vanessa Brasil de. Percepção pública da ciência em tempos de pandemia: algumas questões. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 500-506, 2022. DOI: 10.29397/reciis.v16i3.3456. Disponível em: <https://www.reciiis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3456>. Acesso em: 20 out. 2024.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2023: resumo executivo**. Brasília, DF: CGEE, 2024. 30 p. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo**. São Paulo: FAPESP, 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 3 jul. 2024.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Tradução de Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.